



SEÇÃO DE LIVROS

***Rompendo
com
o destino***

GAYLE FELDMAN

Esta é uma história que nunca pensei em escrever. Por natureza, sou uma pessoa muito reservada. Ensinararam-me que, se tivesse problemas, deveria guardá-los para mim mesma. Disseram-me que não deveria jamais falar neles. Mas, quando menos esperava, minha vida e minha saúde sofreram uma mudança assustadora. Percebi então que, ao registrar o que me acontecera, poderia ajudar outros a enfrentarem a mesma provação. Foi uma das coisas mais difíceis que me aconteceram: quebrar o tabu de abordar uma questão tão pessoal. No fundo, porém, eu sabia que não era caso para guardar silêncio ou reticências. Certa manhã de inverno, sentei-me em frente de meu computador e comecei a escrever minha história — esta história.

EU ERA uma jovem de 20 e poucos anos quando conheci David Reid. Apaixonei-me por ele e encontrei um companheiro para toda a vida. Magro e pálido, com uma barba curta, arruivada, compensando a falta de cabelo, ele era um homem paciente, senhor de um tipo de doçura que parecia ligeiramente deslocado em relação à sua maneira de ser. Era também um inglês que, numa atitude muito pouco britânica, se formara na América, na Universidade da Pensilvânia, onde eu estudei.

Gostava muito da América, mas, após três anos, regressou a Londres para estudar Direito. Fui com ele para completar meu mestrado de Literatura Francesa. Durante um ano, ensinei inglês na França; depois, nos casamos. Eu adorava nossa vida em Londres: bons amigos, o teatro, os parques, a história...

No outono de 1985, já estávamos juntos havia quase 13 anos e tínhamos voltado à América, onde David ia abrir uma representação de sua firma de advocacia. Como muitas outras mulheres de minha geração, eu ainda não pensava em ter filhos. No nosso caso, tal adiamento teria dolorosas conseqüências. Quando já estávamos os dois na casa dos 30 e chegamos à conclusão de que estávamos dispostos a ter filhos, nada aconteceu.

— Que tola eu fui todo esse tempo! — eu não parava de repetir para meu marido, como que me desculpendo. — Se ao menos tivéssemos tentado há oito ou dez anos...

— Para fazer um bebê são necessárias duas pessoas — respondia ele, para me tranquilizar. — A tolice foi de ambos. Talvez, se eu tivesse mais tempo disponível, ou não trabalhasse tanto... Há muitos *talvez*. Vamos ter é de seguir em frente.

E foi o que fizemos. Depois de ir a consultas de especialistas em infertilidade e fazer tratamentos com hormônios, acabei engravidando, em 1991, quando tinha 39 anos. Os primeiros oito meses foram uma época inesperadamente fantástica. Nossos amigos diziam que eu tinha o brilho interior próprio das mulheres que albergam uma nova vida. Em meu corpo crescia um pequeno ser. O que não percebi foi que, durante aqueles meses de gestação, esse mesmo corpo estava produzindo algo mais: uma multiplicação astronômica e assustadora de células.

Eu contava 11 anos, quando minha mãe foi informada de que tinha um câncer da mama. Morreu quando eu tinha 15. Por isso, sempre fui normalmente cuidadosa e apalpava regularmente meus seios. Mas estava tão enlevada e feliz com meu bebê que durante uns tempos deixei de fazê-lo.

Por isso, só na minha 33.^a semana de gravidez foi que percebi um carcinho. Embora fosse só uma pequena protuberância, decidi mostrá-lo à minha obstetra, Laurie Goldstein, na segunda-feira seguinte, quando fosse à minha próxima consulta.

Laurie examinou-o e sentenciou:

— É provavelmente um ducto lactífero obstruído, Gayle.

Mas chamou sua colega Becky Brightman para dar uma olhada. Para reduzir ao mínimo a exposição a radiações, as grávidas em geral não fazem mamografias. Ambas as médicas acharam, porém, que, em vista de meus antecedentes médicos familiares, se eu quisesse, me mandariam fazer uma ultra-sonografia.

Sei que certas mulheres, diante da morte da mãe com câncer da mama, evitam por receio encarar o problema. Outras — e eu pertencia a esse segundo grupo — tentam dominá-lo, assumindo uma atitude muito racional a respeito. Já fazia muito tempo que eu tinha chegado à conclusão de que, se tivesse uma doença maligna, preferia tratá-la o mais depressa possível.

Disse às minhas obstetras que estava disposta a ir à consulta de uma radiologista amiga delas, Mimi Levy-Ravetch. Depois de o técnico de Mimi fazer as chapas e entregá-las a ela, fiquei olhando aquela máquina e meu rosto no espelho.

Os parentes e amigos sempre tinham dito que, das três filhas, a mais parecida com minha mãe era eu. Às vezes, eu me lembrava de como me sentia, em criança, assistindo à forma como o câncer da mama a destruía. Lembrava-me de seu rosto, da expressão cansada e fixa que passara a ter depois de adoecer. Estudei meu reflexo no espelho, sentindo a sombra de minha mãe.

Percebi então que havia transcorrido bastante tempo e ninguém ainda tinha aparecido. Já não conseguia dominar a ansiedade. De repente,

foi como se nós duas, eu e ela, estivessemos presentes. Mimi disse que seria preciso colher umas células para exame. Vários dias depois, eu acabava de me sentar diante de meu computador, no escritório onde trabalhava, quando o telefone tocou. Era Laurie, minha obstetra.

— Sei que você prefere que eu seja sincera, Gayle — me disse ela. — As células são malignas.

Aquilo me arrasou. Não conseguia falar. Quando finalmente me recuperei, comecei a soluçar. Laurie disse que telefonaria a David e que devíamos ir imediatamente a seu consultório.

Quando saí do trabalho, senti-me como se os relógios tivessem parado, como se eu estivesse suspensa no tempo. Perguntei-me se teria transmitido o câncer ao bebê.

Minha licença de parto devia começar dali a duas semanas. Nem sabia se precisaria mais daquilo.

Laurie nos mandou sentar e disse que já tinha conversado com suas colegas e falado ao telefone com um conhecido cirurgião oncologista, que me veria no fim da tarde. Primeiro, porém, eu teria de ir ao consultório de Mimi para fazer uma série de mamografias.

Além disso, visto que muitos cânceres da mama se desenvolvem na presença de estrogênio — e meu corpo grávido era uma verdadeira fábrica de estrogênio —, as obstetras foram de opinião que os hormônios estavam provavelmente fazendo que o câncer crescesse muito depressa. O bebê tinha de ser retirado rapida-

mente, para eu poder ser operada. A melhor forma era provocar o parto.

Eu sabia que tinha de me manter lúcida para tomar as decisões finais, mas naquele momento estava tão abalada que, quando tentei falar, só consegui emitir sons estrangulados.

Ao fim de 19 anos de vida em comum, David sabia o que eu queria dizer e falou por mim:

— O bebê está para nascer daqui a cinco semanas. Quais são os riscos?

E acrescentou num tom pesaroso:

— Ele também pode ter câncer?

Laurie respondeu com a usual franqueza:

— De forma nenhuma. Não se contrai câncer assim.

Quanto aos riscos de parto prematuro, disse que seriam poucos. O bebê nasceria com 35 semanas e não haveria problemas.

A tarde já estava no fim, quando David me acompanhou ao consultório de Mimi para eu me submeter à mamografia. Enquanto esperava num pequeno quarto, apareceu um técnico que eu não conhecia. Senti-me um fenômeno monstruoso, como me viria a sentir tantas outras vezes nos dias seguintes. Estava grávida e com câncer da mama. Era incrível!

«Você tem chance»

Vieram-me lágrimas aos olhos, que me correram pelo rosto. O homem me fitou com um olhar calmo e firme:

— Não se preocupe, querida. Vo-

cê tem de esperar que tudo corra pelo melhor. Minha prima tinha dois filhos pequenos quando ela e o marido morreram num acidente de automóvel. Não tiveram chance nenhuma. Com você é diferente. Você tem chance, lembre-se disso.

David e eu fomos ao consultório do cirurgião da mama às 5. Reparei que, por ironia, ele ficava no Mount Sinai, o grande hospital escolar em cuja maternidade eu já tinha reservado um quarto.

Steve Brower, o cirurgião, surgiu e mandou-nos entrar. Calvo, com um bigode escuro fininho e a palidez própria das pessoas que habitualmente trabalham demais, começou, com muita calma e cuidado, a falar. A análise de Mimi era correta. Avisou-nos de que o câncer podia não estar confinado apenas à zona do nódulo. Apanhou uma das chapas e apontou para pequenos flocos brancos, explicando que eram calcificações e podiam indicar mais células malignas. O câncer que aparece em várias partes da mama corre mais riscos de se espalhar, o que significa que as células malignas podem propagar-se ao tecido saudável.

Disse que esperaria alguns dias depois de eu ter o bebê, para meu corpo se recuperar, e então faria uma biopsia cirúrgica no seio. Os resultados ajudariam a determinar se seria necessário extrair o nódulo, cirurgia em que só iriam ser retiradas zonas limitadas de tecido e talvez alguns nódulos linfáticos, ou se teria de fazer uma mastectomia, com a remoção do seio todo.

Ele me perguntou como havia ocorrido minha gravidez. Expliquei-lhe que tínhamos tido dificuldade na concepção e que eu tomara hormônios para ajudar.

Depois ele quis saber sobre minha mãe.

Eu já havia sentido sua sombra de novo, enquanto esperava no consultório. Não sabia, porém, quase nada da mulher que ela tinha sido e, ainda menos percebera seu câncer, até ser tarde demais. Nossos pais nos esconderam a natureza da doença enquanto puderam.

Anos depois, vim a saber que, quando ela se deu conta de ter um nódulo, foi mandada a um especialista por nosso médico de família, o qual lhe disse suspeitar que se tratasse de câncer da mama. Lembrome desse dia porque, quando nossos pais voltaram, nós, as crianças, fomos mandadas sair de casa, enquanto os dois ficavam lá dentro. Ouvimos mamãe chorar.

Ela não quis aceitar o diagnóstico do especialista e preferiu ser vista por um cirurgião diferente, um médico conhecido de um hospital famoso na Filadélfia, de onde éramos. Este lhe disse que o nódulo não era maligno; que se tratava apenas de líquido, que necessitava ser drenado periodicamente. Durante mais de um ano, mamãe freqüentou o consultório desse homem para os tratamentos, mas ele estava enganado, e um dia, muito mais tarde, pediu-lhe desculpas.

Quando David e eu saímos do consultório de Steve, já passava das

7. Estivéramos mais de cinco horas com os médicos nesse dia e sentíamos-nos mentalmente exaustos por termos de nos concentrar no que nos diziam.

Depois de voltarmos para casa, sentamo-nos e ficamos mudos na sala de jantar. Todos os objetos comuns, os pormenores familiares de nossa vida a dois, pareciam pertencer a outro mundo.

David e eu falamos então do muito que havia para fazer. De repente, em menos de 72 horas, estava previsto eu me internar para ter o bebê. Tínhamos preparado muito pouca coisa.

Além disso, o que mais nos metia medo eram os telefonemas. Tínhamos de contar às pessoas. Como revelar o que se passava às minhas irmãs, Sandy e Vickie? Meu câncer, junto com o de nossa mãe, significava que agora também elas corriam mais riscos. Pior ainda, como falar disso com papai? Eu receava acordar nele o turbilhão de recordações que o podiam fazer mergulhar numa de suas depressões, herança daqueles anos terríveis.

Depois de o câncer de minha mãe começar a progredir, ele não conseguira agüentar a pressão mental e emocional: mamãe, além de esposa, sempre fora sua melhor amiga e a confidente dos negócios.

Meu pai mal conseguia suportar o desgosto, e, além disso, estava em dificuldades financeiras em seu negócio de placas. Seu dia de trabalho era cada vez mais longo, estendendo-se noite adentro. Teve um esgo-

tamento e ficou fora de casa por um tempo.

Desde que minha irmã mais velha, Sandy, fora para a faculdade, eu tinha ficado responsável por minha irmã pequena, Vickie, oito anos mais jovem. Mamãe ia lentamente se desintegrando no quarto de casal, sem falar, aparentemente incapaz de nos reconhecer. Todos os dias, parecia encolher um pouco mais, na brancura imensa da cama.

Por outro lado, David tinha de contar para a distante Inglaterra o que estava se passando com sua família. Seus parentes também conheciam intimamente o trauma do câncer da mama. Keith, seu irmão mais novo, perdera a primeira mulher, Pat, vitimada pela doença quando contava apenas 34 anos.

Demos telefonemas pela noite adentro. A coisa era difícil, porque sou pessoa muito reservada. Nossa mãe nos repetia constantemente: «Não falem às pessoas de seus problemas.» Mas não era hora para reticências.

Minha irmã Sandy foi a primeira pessoa para quem liguei:

— Olá, Gayle — me respondeu ela. — Como vão as coisas com o bebê?

Lutei contra o aperto que sentia na garganta.

— Ele está bem; a mãe é que não. Ouça, eu não quero que você se preocupe, mas há dez dias descobri que estou com um nódulo. Os médicos me disseram hoje que é câncer da mama. Vou me internar no hospital no domingo.

Não sabia se ela iria chorar, mas sua reação foi um silêncio momentâneo — o mesmo silêncio de há muitos anos, quando peguei no telefone e me disseram que minha mãe acabava de falecer. Tentei evitar que minha voz tremesse e expliquei o que se passara e o que iria acontecer.

— Gayle, que posso fazer por você?

— Por favor, não venha ainda — pedi. — Uma coisa que você pode fazer é telefonar para a Vickie e contar a ela. Seria uma grande ajuda. Diga que eu ligo para ela amanhã.

Falamos depois para a irmã de David, Diana, na Inglaterra. Meu marido sentia agora muita necessidade do auxílio emocional da irmã mais velha. Invulgarmente generosa, profundamente religiosa, foi em Diana que Keith, o irmão de David, se apoiou quando diagnosticaram o câncer da mama de sua mulher.

Íamos pedir-lhe um favor muito particular. Os filhos de minha irmã eram pequenos; os de Diana eram bem mais velhos. Queríamos que ela viesse para Nova York para nos dar uma ajuda.

David e Diana falaram algum tempo, como irmão e irmã. Depois, meu marido me passou o telefone:

— Oh, Gayle — me disse Diana —, bem sei que força não vai lhe faltar. E David gosta tanto de você! Você tem de se agarrar a isso. Vou ver se consigo ir aí; vou tentar. Rezaremos todos por vocês.

Nessa noite, decidi dar o telefonema que mais medo me fazia. Liguei para meu pai.

— O quê? Que é que você está dizendo? — foi sua reação à notícia.

Já velho, tinha ficado surdo de um ouvido. Eu o imaginava à distância: idoso, baixo e levemente encurvado, com os braços e mãos ainda fortes, cabelos brancos ondulados, um bigodinho fino e os olhos piscando lentamente atrás dos grandes óculos. Piscando por não querer acreditar.

— Não, não, não! Como pôde acontecer uma coisa assim? — lastimou ele. — Quem são esses médicos? Você confia neles? Bem sabe o que aconteceu com sua mãe. Talvez eles se tenham enganado.

— Pai, são bons médicos — respondi. — Não há dúvida. A única questão é o que irão fazer, que porção de tecido vão remover.

— Meu Deus, que vida, que vida maldita! Por quê? Primeiro sua mãe, agora... Sabe como eu gosto de você.

— Claro que sei, e também gosto de você.

Depois de desligar, entrei em nosso quarto e debrucei-me para tirar da estante um pequeno pacote que ia comigo sempre que eu me mudava e que viera da Filadélfia comigo havia muitos anos. Com cuidado, tirei dali um grande porta-retratos que guardava uma coleção de pequenas fotos a preto e branco.

Lá estavam meus pais me sorrindo, o jovem casal sem nenhum cabelo branco, seus olhos alegres. Em 1941. Depois disso, viemos nós, minhas duas irmãs e eu. Observando seus rostos moços diante de todas as

possibilidades que tinham na época e que não se realizaram, senti uma enorme tristeza e um amor imenso.

Benjamin

Três dias depois, às 6 da tarde de domingo, fomos para o Mount Sinai, para o nascimento do bebê.

Meu marido virou-se para mim no táxi e disse:

— Vamos ter de levar isso com muita calma, por fases. Tentando resolver tudo de uma vez a gente se desgasta. Depois de o bebê nascer, tratamos da biopsia, da cirurgia, do relatório do patologista e de tudo o mais. É a única forma de agüentarmos as próximas semanas.

No assento velho do táxi, eu ia quase inerte de exaustão. Peguei a mão de David e tentei aceitar suas palavras como uma criança, acreditando no poder que elas teriam de determinar como se iriam passar as coisas.

No hospital, pegamos o elevador para o andar da sala de partos e encaminhamo-nos para o cubículo envidraçado das atendentes. Identifiquei-me à enfermeira de plantão.

— Desculpe, mas a senhora não consta de nossa lista de partos induzidos.

Assisti à conversa, enquanto David continuava insistindo calmamente:

— Deve haver alguma nota ou qualquer coisa do gênero a respeito de minha mulher. Por favor, veja de novo.

Várias pessoas estavam se juntan-

do à nossa volta. Uma delas, uma jovem médica loura, disse com dureza, como para fechar a questão:

— Vocês não estão entendendo? Enganaram-se de dia. E, aliás, por que iria você ter um parto induzido?

Meu marido raramente levanta a voz, mas naquele momento toda a revolta contra o que nos vinha acontecendo explodiu e ele gritou:

— Estamos aqui porque minha mulher tem câncer. Vai ter parto induzido porque tem câncer!

Embora estivéssemos num hospital, ninguém pronunciava a palavra câncer naquele andar. Tapei os olhos e solucei. Todos ficaram imóveis como estátuas na brincadeira infantil.

A primeira a se mexer de novo foi a médica, que se voltou e foi embora sem uma palavra. A enfermeira encarregada dos registros começou então a procurar freneticamente em meio aos papéis por baixo do balcão.

— Ah, está aqui — disse.

Contornou a mesa e aproximou-se de nós. Senti o braço dela por cima de meus ombros.

— Peço muitas desculpas, Sra. Reid. Por favor, venha comigo. Pode nos perdoar?

Conduziu-nos à sala de partos 3, e deixou-nos sozinhos. David apertou minha mão, enquanto tentávamos nos acalmar, silenciosamente. Duas jovens enfermeiras vieram medir minha pressão arterial e examinar-me.

David ficou comigo até elas acabarem.

— A gente se vê amanhã de manhã, querida. Não se preocupe, hein? Beijamo-nos e ele se foi.

Enquanto estive sozinha ali, senti meu bebê mover-se. Embora, como a maior parte das que são mães pela primeira vez, eu tivesse medo do parto, naquele momento sentia-me curiosamente desligada de tudo. Como um espectador distante, interroguei-me simplesmente sobre quando começariam as dores.

Na manhã seguinte, segunda-feira, administraram-me ocitocina por via intravenosa, para provocar as contrações. Durante todo o dia, David e eu ouvimos o ruído das macas levando as mulheres para a ala da maternidade, depois do nascimento dos bebês. Comigo, quase nada estava acontecendo.

Na manhã seguinte, os médicos aumentaram a dose de ocitocina. O parto arrastava-se lentamente. Na parte da tarde, completaram-se 40 horas de aplicação do medicamento.

À noitinha de terça-feira, parecia que tudo ia acontecer ao mesmo tempo. Laurie apareceu com uma bata verde. Acabara de assistir ao parto de outro bebê. David andava em volta de mim, e a enfermeira zanzava da cama aos sofisticados monitores e voltava.

Laurie me mandou fazer força. Eu me sentia tão cansada, ao fim de quase dois dias e meio!

— Já estou vendo a cabeça dele — exclamou David.

Depois, ouvi o choro de um recém-nascido e vi lágrimas no rosto de meu marido.

— Você teve um menino. É um garotinho! — gritou Laurie.

E foi assim que, 10 para a meia-noite de terça-feira, 1.º de outubro, 1 hora e 50 minutos depois do início do período expulsivo, Benjamin Reid nasceu.

Despertar para o horror

Laurie pôs nosso filho em meus braços e ouvi os gritinhos que ele soltava. Nessa noite, ele trouxe consigo o mais simples e importante dos presentes. Deu-nos esperança e reconciliou-nos com a vida.

Laurie ria de alegria e alívio.

— É dos compridos! E pesa 3 kg, um bom peso, embora pareça magro. Não teve tempo de engordar, mas está bem.

No dia seguinte, pouco antes do almoço, trouxeram-nos Ben no berço, e David e eu nos revezamos, segurando-o. Era tão delicado, tão frágil! Senti-me desajeitada, com medo de fazer qualquer coisa errada, mas, embalado em meus braços, lentamente, meio sonolento, ele tomou um pouco de leite da mamadeira.

Nessa quinta-feira à noite, não adormeci facilmente. Ia fazer a biopsia no dia seguinte, quando se iria determinar que tipo de cirurgia seria necessária em meu corpo, e os médicos ficariam com uma idéia muito mais exata de quanto tempo Ben poderia ainda contar com sua mãe.

Dali a pouco, já era tempo de ter alta numa ala do hospital e passar para a outra, a fim de realizar a biop-

sia. Pedi a David que trouxesse uma blusa estampada que ele me tinha comprado numa viagem à Inglaterra. Era linda, com muitas florzinhas em botão, de cores variadas e alegres, sobre um fundo preto. Eu tinha andado com ela o verão inteiro, com a nova vida de nosso filho desabrochando sob aquelas flores.

Vesti a blusa, mas, quando me vi ao espelho, senti-me invadida por uma tristeza, como uma espécie de inocência perdida.

David e eu fomos ver Ben mais uma vez no berçário; depois, começamos a longa caminhada pelo labirinto de corredores, até a radiologia.

Enquanto eu esperava com David na área da recepção do consultório de Steve Brower, senti meu corpo tremer. Imaginei como teria sido no caso de minha mãe e consolei-me ao pensar que pelo menos a experiência da biopsia seria melhor para mim.

No tempo dela, esse exame era realizado de modo diferente. Seu médico decidiu que se deveria fazer o que se chamava uma biopsia excisional. Tudo foi preparado para certo dia de agosto de 1963. O tecido que envolvia um quisto grande, cheio de sangue, foi levado para a patologia. Verificou-se ser canceroso, e o cirurgião resolveu amputar-lhe o seio imediatamente.

Naquela época, chamava-se a este procedimento «tempo único»: biopsia sob anestesia geral, entrega do tecido para análise e ablação do seio, enquanto a paciente esperava, inconsciente. A operação chamava-se «mastectomia radical à Halsted».

Retiravam-se o seio, os nódulos linfáticos e os músculos de ambas as mamas. A parte superior do corpo da mulher deixava de ser convexa. Nem sequer ficava lisa. Tornava-se quase côncava. Era muito mais fácil tirar tudo, logo de uma vez.

Quando mamãe abriu os olhos e fitou os médicos, através da névoa aparente causada pela anestesia, levantou o braço esquerdo e não sentiu nada. Nada, a não ser ataduras e curativos. Começou a gritar.

A cirurgia se fez desse modo até o fim dos anos 60, momento em que algumas mulheres mais ousadas e inquisitivas começaram a insistir e a questionar os médicos, exigindo que a biopsia e a cirurgia se fizessem separadamente. Passaram também a questionar a necessidade de uma cirurgia tão terrivelmente desfiguradora.

No início dos anos 70, a filosofia médica começara a mudar e o procedimento dito «em dois tempos» tornou-se gradualmente a norma. Mas não apenas: a mastectomia radical à Halsted foi substituída pela «mastectomia radical modificada», que deixava intato o principal músculo do peito e a mulher menos mutilada, em vez de ficar só com costelas e pele. Eu era uma das beneficiárias de tudo isso.

A enfermeira entrou na sala de espera e chamou por meu nome. David e eu nos miramos de olhos bem abertos. Ele acenou afirmativamente com a cabeça e apertou minha mão. Segui a enfermeira pela porta. Agora estava por minha conta.

Vestida com uma bata do hospital, entrei na sala de cirurgia, onde o Dr. Steve já me aguardava.

— Oi, Gayle. Suba aqui na mesa e vamos começar.

Senti a agulha com o anestésico penetrar em meu seio, e depois uma sensação de ardor, seguida de insensibilidade. Steve começou então a cortar através da pele, da gordura, do tecido, separando camadas sucessivas de carne, penetrando até o câncer. Levava tanto tempo aquilo!

Finalmente, ele me olhou de frente e disse:

— Vamos mandar já o tecido para a patologia. Vão fazer um exame com cortes de congelação. Talvez saibamos qualquer coisa antes de você ir embora.

Quando terminou, vesti-me e fui para a sala de espera. David estava lá. Reparei que seus olhos estavam congestionados. Havia outras pessoas ali e eu não conseguia falar. Ficamos sentados, em silêncio, de mãos dadas, até que outra mulher chamou por meu nome. Fomos com ela até a sala de Steve.

Ele parecia exausto, e o rosto fazia lembrar uma máscara branco-acinzentada. Nossos restos de fútil esperança se desintegraram completamente. O médico começou a falar.

— Já tenho o laudo da patologia. Eles acham que o câncer parece invasivo. Gayle e David, sinto muito, mas vamos ter de marcar a mastectomia.

Em nossa casa, meu marido me trouxe chá numa bandeja, ligou o rádio numa estação de música clássica.

sica, e voltou ao hospital para apagar nosso filho.

Ouvi música e um boletim de notícias, mas foi inútil tentar ler. O analgésico que eu tomara fazia as palavras dançarem diante de meus olhos. Comecei a folhear uma revista feminina, cheia de fotos brilhantes, de rostos bonitos, belas roupas e corpos perfeitos. Custava-me ver os anúncios de *lingerie*, mas também não conseguia deixar de me deter neles. Folheei a revista de novo e dei com um anúncio que dizia: «Você não tem de ser como sua mãe.»

De repente, as letras pareceram flutuar. Correram-me as lágrimas pelo rosto e comecei a chorar perdidamente.

Nos últimos dias, vira as outras mães se vestirem, fazerem as malas e deixarem o andar da maternidade, levando nos braços seus preciosos embrulhinhos, acompanhadas dos pais, orgulhosos. Para nós, não haveria um regresso a casa assim. Dali a uns dias, eu teria de me ir de novo embora, e só Deus sabia em que estado estaria quando voltasse.

Senti-me indignada com a incerteza que pairava sobre nós, e sobre a vida de meu bebê, mas tinha de me curar. Precisava estar presente por ele.

Mais tarde, senti a chave girar na fechadura da porta de entrada, e momentos depois meu marido pôs nosso filho em meu colo. Fiquei sentada segurando-o, até senti-lo bem adormecido.

Nesse domingo, minha família veio me ver antes da cirurgia e para

celebrar o nascimento de meu bebê. Eu estava com medo do que diriam ou fariam, mas, embora superemotivos, eles compreenderam a coisa perfeitamente. Abraçaram-me, ao David e sorriram diante do bebê todo embrulhado.

Papai apareceu sem sinais da depressão que eu tanto receava. Em vez disso, ele e minhas irmãs trouxeram-me um amor incondicional. Ele teve o cuidado de não me dar um daqueles seus abraços apertados, mas estreitou-me mais tempo que o habitual.

Temos muitas fotografias desse dia. Mentalmente, vejo uma em particular. Estamos todos juntos na sala. Papai sentado no sofá. Eu, sentada na cadeira de balanço ao lado dele, com grandes óculos para esconder as olheiras. Sandy está em pé, atrás de mim. A expressão do rosto dela é de grande ternura, mas o sorriso é forçado, algo tenso. Vickie está à direita, com um riso largo, olhos enormes, encostada a David, que pôs a máquina no automático. Ele detesta ser fotografado e dessa vez também não gostou. Mas fez o possível para se sair bem.

E lá está, claro, Ben, o adorável e querido Ben, adormecido em meu colo.

Há outra pessoa, ausente na fotografia, mas que, apesar disso, estava entre nós. Presente nos genes de meu filho, nos meus e nos de minhas irmãs. Sim, minha mãe está naquela foto, embora sua imagem não seja visível.

Depois do almoço, enquanto Ben

dormia, meu pai sentou-se e falou de mamãe.

— Vocês, meninas, eram tudo para ela, que economizava e poupava, para depois gastar tudo na casa e em nosso negócio. Nunca saíamos de férias. Ela parecia não se importar de não o fazermos. Ficava feliz em casa com as filhas, até que tudo desmoronou. Acho que tinha medo de vir a ter um câncer, por causa daquele problema da mãe dela e tudo.

Prestei mais atenção.

— Pai, de que você está falando?

— Bem, vocês sabem, não sabem? Achei que tinha contado. Sua avó Golde também morreu de câncer. Do pulmão. O mais estranho é que nunca na vida fumou.

Lembrei-me de qualquer coisa que me tinha passado sob os olhos em minhas leituras febris de literatura sobre o câncer.

— Pai, naquele tempo, o que se diagnosticava no pulmão às vezes começava no peito. Podia muito bem ter sido câncer da mama.

Nenhum de nós chorou nesse dia enquanto falávamos do passado, de nossa mãe, embora nossos olhos não estivessem propriamente enxutos. Não sei como nos contivemos, mas a verdade é que assim foi. Talvez por causa do bebê. Tínhamos de pensar nele. Ben nos ancorava à vida.

Crise

Na quarta-feira dessa semana, minha obstetra me fez saber que precisava procurar outro cirurgião. A secretária de Steve Brower telefonara

dizendo que ele estava muito doente, com uma infecção viral, e não sabia quando poderia operar de novo.

Pousei o telefone e chorei. David, que escutava na outra linha, também chorava. Tínhamo-nos agarrado à simpatia de Steve Brower, ao interesse que ele revelava. De repente, víamo-nos desamparados.

Desde o diagnóstico, nunca nos havíamos sentido tão desanimados. Por causa da grande quantidade de hormônios que circulavam em meu corpo, a operação não podia realmente ser adiada. Era preciso apressar as coisas.

Passou-se um tempo que nos pareceu infinito, antes de o telefone tocar de novo.

— Jeanne Petrek concordou em vê-la no Sloan-Kettering às 4 horas de hoje — disseram-me do consultório de minha obstetra.

Preparei-me para ir ao Memorial Sloan-Kettering Cancer Center. Primeiro dei a mamadeira a Ben, e, quando o levantei e o encostei ao meu ombro, para que arrotasse, não pude deixar de sentir que criaturinha delicada ele era, tão doce e ligada a mim. Adorava o cheirinho dele, um cheiro bom de criancinha pequena.

A enfermeira que tínhamos contratado para tomar conta dele levou-o e David e eu pegamos um táxi para o hospital.

Fiquei imediatamente impressionada com a Dra. Jeanne Petrek. Lembro-me de que tinha cabelo ruivo, feições marcadas, pele de um branco-leitoso, e um vestido flori-

do por baixo da bata de serviço. Seu ar era de muita competência.

Ela me interrogou sobre meus antecedentes médicos. Tive de contar tudo de novo: forcei-me a relatar como percebera o nódulo e a seqüência dos acontecimentos desde então. Depois falei-lhe de minha mãe.

— Sabe — me disse ela —, há mulheres que, em sua situação, com uma tal história médica familiar e um câncer já identificado num dos seios, resolvem logo amputar os dois.

David e eu ficamos sem fala.

— Você teve sorte em descobrir o seu agora — prosseguiu. — Caso contrário, se tivesse o bebê, como se previa, daqui a um mês, e o amamentasse, poderia não perceber o nódulo e dentro de um ano talvez estivesse morta.

Nenhum dos médicos me tinha falado antes em termos tão funestos, nem mencionado a possibilidade de amputar o outro seio. Eu tinha entrado na sala pensando que mais nada me poderia chocar. E ali estava eu, completamente transtornada.

A Dra. Jeanne não era afetada nem cheia de nove-horas como alguns médicos. Não mandou David sair da sala, nem o obrigou a ficar do outro lado da cortina. Para mim, foi bom ele estar ali.

A médica me examinou e, ao terminar, anunciou:

— Opero às sextas e às terças. Posso marcar sua cirurgia para qualquer dia: depois de amanhã ou na próxima terça. Você pode resolver

agora ou marcar com minha secretária.

Preferimos telefonar-lhe logo pela manhã no dia seguinte.

Quando saímos do hospital, inspirei fundo várias vezes.

— Caramba, como é que ela pôde falar assim em tirar meu outro seio? O melhor é eu telefonar amanhã de manhã para o consultório de Steve Brower, para me assegurar de que não há novidades. Acho que não agüento ter de mudar de cirurgião.

— Calma, querida — ponderou David. — Concordo em que ela foi muito direta, mas tenho certeza que é boa operadora.

Quando chegamos em casa, sentamo-nos na sala para acabar de falar sobre a cirurgia. Eu me habituei muito com o Dr. Steve Brower, mas sabia que David tinha razão.

— Telefone para as suas obstetras, se isso lhe ajudar — sugeriu ele e resolvi seguir o conselho.

Becky atendeu.

— Ouça, Gayle, Jeanne Petrek tem realmente boa reputação. Se eu fosse você, não hesitava. Marque a cirurgia.

Foi o que fizemos. A Dra. Jeanne seria minha cirurgiã, e meu seio seria amputado na terça-feira. Só faltavam cinco dias.

«Estou viva!»

Nesse dia recebemos boas novas. A irmã de David, Diana, poderia vir da Inglaterra para ficar conosco durante minha operação e algum tempo depois dela.

Perguntei-me: «Até Di chegar, como o David vai conseguir se agüentar?» Ele tentava não demonstrar medo, mas ocasionalmente eu o via procurando ocultar o terror que passava em seus olhos.

Eu dependia total e incondicionalmente dele, como ambos sabíamos, mas David tinha de suportar uma carga emocional pesada: sofria o embate do choque, do desgosto e do medo que sentia, assim como os mesmos sentimentos de minha parte. Ele sabia que meu pai, no fim de contas, não conseguira suportar e receava baquear também sob tanta pressão. Como antes, só podíamos dizer um ao outro que era preciso levar tudo adiante com calma. Repetíamos isso constantemente. Agüentávamos sozinhos, até a irmã dele chegar; depois, teríamos algum alívio.

Nem David nem eu dormimos muito na noite anterior à minha cirurgia. Fomos ver nosso filho várias vezes, até que David disse:

— Nós devíamos pelo menos nos deitar.

Fomos então para o quarto. Ele me estendeu os braços e me beijou delicadamente. Ficamos deitados, exaustos, sem palavras. Adormecemos por volta das 2 da manhã.

O despertador nos acordou às 5.15. David deu a mamadeira a Ben. Inclinei-me para aproveitar um pouco mais de meu filho, saboreando um último contato íntimo, antes de entregá-lo à enfermeira. Com David a meu lado, descemos as escadas, saímos e entramos no carro que estava à nossa espera.

No Sloan-Kettering, a papelada foi despachada rapidamente, e David e eu fomos levados para uma área de cuidados preliminares. Uma enfermeira tomou minha pressão e examinou-me brevemente, enquanto me preparava para a cirurgia.

— É melhor tirar os óculos, Sra. Reid, e dá-los ao seu marido. Ah, e a aliança também — pediu.

Olhei para ela.

— Minha aliança? Não pode pôr uma fita adesiva por cima dela? Foi o que fizeram em outras cirurgias.

— Não operam a senhora se estiver com alguma jóia.

Olhei para o fino anel de ouro. Sempre fora um pouco grande para meu dedo e deformara-se levemente com o passar dos anos. Era como se outra parte de mim estivesse sendo extirpada.

Entreguei-o a meu marido.

— Não faz mal, querida. Ele volta para você assim que terminar a cirurgia.

Senti na voz de David uma tensão que a tornava seca.

Olhei para o grande relógio de parede: 7.30.

— Virão buscá-la dentro de pouco — disse a enfermeira. — Sinto muito, mas seu marido tem de sair.

David me abraçou, apertando-me fortemente contra o peito.

— Eu te amo — sussurrou.

Respondi com um sorriso lacrimoso e ele saiu.

— Bem, todo mundo está aqui e tudo está pronto — disse Jeanne Petrek através de uma grande máscara de plástico transparente que lhe

cobria o rosto. Mesmo em estado pré-operatório, meio drogada, eu estava suficientemente lúcida para achar que ela ficava com um aspecto bem esquisito com aquilo.

O anestesista me espetou uma agulha na mão. Várias pessoas movimentavam-se em torno de mim. Eu ouvia Jeanne Petrek dirigindo tudo.

De repente, perdi a consciência.

Senti depois que estava numa sala muito maior, com luzes mais claras e um som abafado: gemidos fracos e arrastar de pés.

«A cirurgia acabou, a cirurgia acabou». Senti essas palavras me passarem repetida e estranhamente pela mente. Mais tarde, no quarto de hospital, recuperei a consciência totalmente. Senti grande rigidez em meu lado esquerdo e portanto, com cuidado para não deslocar a agulha do soro, peguei o telefone com a mão direita e apoiei-o entre o ombro e a cabeça.

Assaltara-me um pensamento tolo antes da cirurgia. Será que eu ia lembrar o número de meu telefone quando saísse da anestesia?

Mas meus dedos recordaram a sequência, e então ouvi a voz de meu marido na linha. Antes de saber o que ele dizia, as palavras me saíram pela boca:

— Estou viva, estou viva, David. Você vem agora?

Ele veio. Quando entrou no quarto, voltou a pôr o anel de casamento em meu dedo, e depois segurou minha mão.

Resolvi participar da sessão de terapia de grupo do hospital para pa-

cientes com câncer da mama. Na sala, havia mulheres de todas as idades, de todas as medidas e de todos os tipos. Algumas já sabiam em que fase estavam seus tumores, mas a maior parte, como eu, ainda esperava o relatório da patologia e não sabia qual o seu destino.

A assistente social nos disse que haveria uma convidada. Saiu da sala por um momento e voltou com uma senhora magra e ágil, de cabelos brancos.

— É uma das voluntárias que vêm aqui às vezes. Vou deixá-la falar sobre sua experiência.

Mulher de certa idade, ela não teve problema de dizer quantos anos tinha.

— Estou aqui porque tive câncer da mama, como todas vocês — contou ela. — Há 36 anos, sofri uma mastectomia e desde então não tive nenhuma recorrência. Sou a prova de que há vida após o câncer.

Sorriu, à espera que estas palavras fizessem efeito e todas sorrimos de volta. Queríamos ser como aquela mulher.

— Muito bem, querem perguntar alguma coisa?

As presentes começaram a descrever seus receios — de passar a doença às filhas, de como as relações com os maridos ou futuros namorados seriam afetadas, da quimioterapia, do sentimento de nunca mais poderem confiar em seus corpos.

Depois, a conversa derivou: devíamos falar às outras pessoas do que nos acontecera? Uma mulher loura e bem penteada interveio, dizendo:

— Só quero sair daqui e voltar à minha vida normal. Não vou contar a ninguém no trabalho... meu chefe sabe; mais ninguém. E não vou dizer nada à maior parte de meus amigos. É um assunto que só me diz respeito, a mais ninguém.

Outra mulher olhou para ela sem concordar.

— Mas temos de contar às outras pessoas. Temos de ser francas. De outro modo, como se pode exercer mais pressão sobre o governo e conseguir mais dinheiro para a pesquisa? Cada vez mais mulheres têm câncer da mama, e não se faz o suficiente.

O rosto da mulher loura ficou tenso e sua voz soou mais fria:

— Trata-se de meu corpo, é assunto meu. Não é para consumo público.

Quando deixei o grupo de discussão, não sabia o que fazer. Só falara do meu problema a poucas pessoas, mas achava que a segunda mulher tinha razão. Não havia razão de se envergonhar pelo câncer da mama, mas muitas mulheres tinham um sentimento muito próximo disso. Minha mãe certamente sentira vergonha.

No dia seguinte, as coisas melhoraram quando vi assomar à porta o rosto sorridente de meu marido, que me disse:

— Trouxe uma pessoa!

Por trás dele, vi um anjo vindo do outro lado do mar — Diana, a irmã dele, uma das pessoas de quem eu mais gostava. Ela se aproximou da cama e abraçou-me.

— Olá, mãe de um menino maravilhoso! — disse ela naquela sua voz familiar, suave, baixa e terna.

Ficamos muito tempo abraçadas. Senti-me muito grata por ela ter vindo e reparei que a expressão do rosto de David estava um pouco menos tensa.

Por fim, meu marido virou-se para mim:

— Sabe quando virá o relatório da patologia? Temos de ir, para Di tomar conta do Ben, mas fico aqui se você quiser que eu espere.

Minha vontade era que David não se fosse, mas sabia que ele voltaria assim que eu soubesse do resultado. Por isso, respondi:

— Então vai. Eu ligo telefone.

Enquanto esperava pelo veredicto do patologista, lembrei-me do que o médico de minha mãe lhe dissera depois da segunda cirurgia, quando lhe retiraram os ovários. Eles haviam detetado mais metástases do tumor canceroso nos pulmões, fígado e ossos.

Nessa altura, ela já estava mais magra e começou a andar inclinada para a frente. Deixou de tirar o robe para vestir roupa e depois deixou de sair do quarto.

Meu pai contratou uma enfermeira no dia em que, ao chegar em casa, encontrou-a no chão, confusa, praticamente inconsciente, sem conseguir falar. Mais tarde, a enfermeira disse a meu pai que já não conseguia fazer tudo sozinha. Mãe tinha de se internar.

Jamais a visitei. Todo mundo achou que seria melhor Vickie e eu

ficarmos em casa. No final da vida, ela encolhera tanto que tiveram de colocá-la numa espécie de berço. Mãe ficou assim quatro semanas, até falecer.

Eu não queria morrer de câncer da mama. Não queria me despedir da vida dessa forma horrível, prolongada e dolorosa. Sabia que todo o meu futuro dependia do que me dissessem naquele dia.

Eram quase 5 da tarde, quando a Dra. Jeanne entrou no quarto.

— Bem, já temos o laudo da patologia — disse. — Ele não é invasivo, mas um câncer *in situ*, como o chamamos. Você tem realmente sorte. Vamos ver se podemos mandá-la para casa no sábado.

E ficou à minha frente, sorrindo. Senti-me como se me tivessem restituído a vida.

Regresso a casa

David veio para o hospital imediatamente depois de eu lhe telefonar. Ficamos no quarto, sabendo que podíamos planejar nossa vida de novo, embora nos custasse a acreditar.

Depois, virei-me para ele, tentando disfarçar minha timidez.

— Parece que por algum tempo você vai viver com uma mulher com um peito só. Quer ver o aspecto ou prefere esperar?

David sorriu delicadamente.

— Claro que vou ver a incisão já. Não queria pedir isso a você, porque não sabia se estava disposta.

Antes disso, pouco depois da operação, uma enfermeira jovem e mui-

to carinhosa me tinha perguntado:

— Vou pôr-lhe um curativo novo. Já viu a incisão? Quer fazer isso?

Uma sensação de medo me percorreu.

— Acho que o melhor é fazê-lo.

Delicadamente, ela retirou então as coberturas, até ficar só a gaze.

— Posso? — perguntou, olhando para mim por um segundo.

Acenei que sim e com delicadeza ela retirou a camada final.

Não tinha sido tão terrível como eu receara. Vi uma linha comprida e fina estendendo-se em direção à axila, atravessada por esparadrapos. A Dra. Jeanne tinha feito um bom trabalho. Estava tudo liso: sem caroços, nem peito.

Para mostrar ao David, abri o robe e retirei a gaze.

— Não tem mau aspecto — sentenciou ele.

Inclinou-se e beijou-me na testa, segurando-me contra seu corpo.

No dia seguinte, vieram mais boas notícias. Depois de me examinar cuidadosamente e de tomar nota de minha história médica familiar, a oncologista, a Dra. Teresa Gilewski, foi de opinião que eu não iria precisar de quimioterapia ou radiação.

— Como? — perguntei, incrédula.

Ela sorriu e explicou:

— No tipo de câncer que você teve, a mastectomia pode ser o suficiente, pois elimina o tecido que corre risco de se tornar canceroso.

— Mas não há risco de se ter disseminado? — interveio David.

— Há sempre a possibilidade de

ter escapado uma célula, ou duas ou três. Mas em Medicina temos de trabalhar com probabilidades e a probabilidade é o câncer estar contido. Não vale a pena submetê-la a quimioterapia por causa de 1% ou 2% de chances.

E começou a reunir seus papéis, preparando-se para ir embora.

— Mas há uma coisa que acho que devia ficar sabendo — acrescen-

tou. — Você tinha dois tipos de células cancerosas: carcinoma ductal *in situ* e carcinoma lobular *in situ*. O segundo tipo, o CLIS, indica tendência para desenvolver câncer no outro seio. Isso somado a seus antecedentes familiares me faz pensar que talvez você queira reconsiderar a questão e tirar o outro seio também.

Eu parecia um autômato quando ela me estendeu a mão. Cumpri-

LEIA EM JANEIRO

Esteja atento a estes e a mais de uma vintena de outros artigos e seções que o farão rir, pensar, comover-se ou indignar-se, selecionados do que de melhor se publica no mundo.

A NOVA PÍLULA PARA EMAGRECER

Será que finalmente você vai encontrar a solução que há tanto tempo procura para perder aqueles quilinhos extras? E será que basta tomar um remedinho? Descubra no nosso próximo número.

CAFÉ: AS BOAS NOTÍCIAS

Há anos que os pesquisadores estudam os efeitos do café na nossa saúde. Parece que afinal chegaram a uma conclusão, que vem descrita neste artigo condensado do *New York Times*.

A VOLTA POR CIMA DE MONICA SELES

A 30 de abril de 1993, quando Monica Seles disputava uma partida dos quartos de final da Citizen Cup, foi esfaqueada nas costas por um fanático. A história de sua volta às competições.

FÊNG SHUI, OU COMO ATRAIR A SORTE

Fêng shui, à letra «vento e água», é uma prática antiga chinesa que dita qual a melhor colocação ou formato de um edifício para atrair a sorte. Nem os céticos ingleses de Hong Kong a desdenham.

NA PISTA DO «CONGELADOR»

A história da perseguição movida pelo detetive Pat Kane a Richard Kuklinski, o tenebroso assassino que matou a tiro, envenenou e congelou mais de uma centena de vítimas. Leia em *Seleções*.

mentei-a e ela saiu. David e eu ficamos ali, completamente perdidos. No espaço de três semanas, tinham me dito que eu tinha câncer, eu dera à luz meu bebê cinco semanas antes do termo da gravidez normal, depois de dois dias e meio de trabalho de parto, e depois sofrera uma mastectomia. Agora, diziam-me que talvez voltasse a fazer a mesma cirurgia de novo.

Senti-me como se não fosse capaz de acompanhar o turbilhão de pensamentos em meu cérebro. Nessa noite, depois de ouvir o que tantas mulheres que passavam por aquele hospital anseiam ouvir — que não precisaria de radiação, nem de quimioterapia —, eu devia estar me sentindo ótima, triunfante, mas, em vez disso, me via cheia de medo, em pânico.

No caso de não ser necessária outra cirurgia, eu estaria supostamente curada. Contudo, sentia-me aterrorizada, à deriva. Não me dariam nada para tomar como prevenção contra aquelas células que poderiam ter escapado. Eu teria de viver cada dia com esse medo. Minha mãe dera ouvidos a um médico que lhe dissera não ser preciso fazer nada e tinha morrido cinco anos depois.

Quando ouviu aquela sugestão, a expressão de David se fechou, como a minha. Era tão inesperado!

— Ouça, Gayle, você vai ter de conversar com a Dra. Jeanne sobre isso na próxima semana. Ouviremos outras opiniões. Devia ir a um outro oncologista, pelo menos.

Mas já eram 11 horas e ele tinha

de ir para casa. Depois que saiu, deixei-me cair na cama, exausta.

Na manhã seguinte, saí do hospital e voltei para minha casa e meu bebê. Quando entramos no apartamento, David me sentou no sofá pequeno e foi à cozinha ligar a chaleira. Ouvi os passos suaves de Di se aproximando da sala.

Assim que a vi, não me contive e as lágrimas começaram a correr, mas ela, que era enfermeira e mãe e que me conhecia há muito tempo, sabia exatamente o que me dizer e fazer.

— Isso mesmo, Gayle. Chore à vontade. Foi muita coisa junta. Mas você vai ficar boa. Ele foi identificado cedo e a principal razão para você persistir está lá em cima, dormindo. É realmente o menino mais encantador que se possa conceber, e precisa de você.

Animei-me assim que vi Ben. Tivemos um jantar leve todos juntos, com Ben aninhado no berço portátil, como centro das atenções, na mesa em frente de nós.

Momento de decisão

Todas as manhãs, David trazia uma xícara de chá e torradas para nós dois, enquanto Diana dava mamadeira a Ben. Gradualmente, os três entramos nessa rotina. Eu me senti muito mimada; nunca me tinham levado o café da manhã na cama, exceto quando estava doente, e minhas doenças, durante todo o tempo em que vivemos juntos, nunca duravam mais de que um ou dois dias.

Sempre, depois do café, eu fazia uma série de alongamentos e ginástica de fortalecimento. No exercício final, levantava-me, de lápis na mão, e subia com os dedos esticados pela porta do armário acima, marcando a altura a que chegava o braço esquerdo, em comparação com o direito. A princípio, não queria acreditar que o esquerdo ficasse sempre muito abaixo que o direito. Pouco tempo depois, porém, já conseguia alcançar um pouco mais alto todos os dias, ou pelo menos chegar à marca do dia anterior. Tentava não me preocupar com isso, mas havia momentos em que não conseguia evitar a dúvida: voltaria meu braço a ficar bem de novo?

Infelizmente, chegou o momento em que Diana teve de voltar para casa. No dia de partir, conversamos e até conseguimos gracejar um pouco, mas quando ela teve mesmo de ir para o aeroporto, nos abraçamos.

Depois de outubro, passou novembro e dezembro chegou. Gradualmente, fui recuperando as forças. Aqueles exercícios todos tinham compensado.

Um dos primeiros grandes testes à minha energia deu-se em novembro, quando tive de ir a um fabricante de próteses encomendar um sutiã especial e um seio postiço. Nessa noite, quando entrei no quarto, olhei para a caixa onde estava minha compra, em cima de uma cadeira. Apanhei-a e fui invadida por uma tristeza profunda. Sentei-me na beira da cama, segurando a prótese.

David entrou e viu-me naquele

estado. Disse, com a voz levemente embargada:

— Tudo bem, querida.

— Esta coisa me lembra o aspecto que realmente devo ter — comentei, entre soluços.

Ele me abraçou:

— Mas você tem o aspecto que sempre teve, Gayle. É uma mulher atraente. Não quero outra pessoa.

Agarrei-me a ele e, quando levantei os olhos, vi o rosto do homem por quem me apaixonara 20 anos antes. Continuava presente, por baixo das rugas de preocupação que tanto se tinham acentuado naquelas semanas.

Mais tarde, pela primeira vez desde meu diagnóstico, tivemos relações sexuais. As incógnitas continuavam, mas nessa noite vencemos mais um obstáculo. E juntos, de novo.

No fim de janeiro, dei-me conta de que me assaltava uma inquietação interior. Vim a descobrir que os hábitos de 20 anos de labuta não se apagam facilmente. David e eu percebemos ambos que a parte de mim habituada a trabalhar reclamava seu lugar.

A medida que se aproximava a data de meu regresso, eu me sentia cada vez mais ansiosa com a perspectiva de me encontrar com os colegas. Inquirido sobre meu repentino pedido de licença, meu patrão falara vagamente de «complicações», mas eu sabia que alguns de meus companheiros deviam estranhar eu ter desaparecido semanas antes do início de minha licença de parto e o fato de não ter levado lá o bebê

para que eles o conhecessem, assim como meu silêncio absoluto. O que dizer a eles?

Amigos íntimos meus achavam que eu não devia falar a mais ninguém sobre o câncer: as pessoas deixam de nos tratar normalmente, porque todas têm medo disso. De qualquer modo, não seria favorável em termos de carreira.

Então lembrei-me da discussão de grupo no Sloan-Kettering sobre se devíamos manter a doença em segredo ou falar a todos sobre ela. Eu me inclinava para a segunda posição, mas naquele momento senti falta de confiança.

Vesti-me muito cuidadosamente para ir para o trabalho naquele primeiro dia. Numa reunião, na parte da tarde, o editor, sorrindo para mim, manifestou, em nome de todos, a alegria que sentiam com o meu regresso. Ao ouvir essas palavras, eu sabia que tinha chegado meu momento de decisão — ou falava ou ficava calada de vez. Ouvi então minha voz, trêmula:

— Bem, meu regresso ao escritório foi um pouco mais solene do que eu esperava.

Ouviram-se risos aqui e ali.

— Mas deixem que lhes conte: também foram quatro meses bem estranhos para mim. Sei que muitos de vocês estranharam meu súbito desaparecimento, em setembro, e minha ausência desde então. Mas é que não tive só um bebê, tive também um câncer.

Ao pronunciar essas palavras, senti um alívio tremendo, apesar de me

dar conta do pasmo momentâneo dos homens e mulheres sentados à minha volta. Embora soubesse que seria doloroso ter de repetir a história aos colegas e aos conhecidos no emprego, fiquei contente por ter falado do problema.

Quando voltei para casa nessa noite, praticamente a primeira coisa que fiz foi levar Ben para o andar de cima e ali sentei-me com ele na cadeira de balanço. Comecei a entoar o *Froggy went a-courtin'* (*O Sapinho Foi Namorar*), uma das canções de minha infância, que emergira misteriosamente em meu espírito. Os olhos de meu filho, castanho-escuros como os meus, fitaram-me risonhos.

ACONTECEU numa manhã quase no fim de junho. Faltavam três dias para sairmos de férias, quando reparei numa linha fina e escura, que parecia de sangue coagulado, no centro do meu seio direito.

Saí do banheiro e entrei no quarto para mostrar aquilo ao David.

— Acabei de notar numa coisa esquisita aqui no peito. Quer dar uma olhada? — perguntei.

Ele ficou pálido. Olhamos um para o outro, percebendo que não havia escapatória. Eu só havia sentido tanto medo assim em outubro do ano anterior. David examinou a linha.

— É, estou vendo. Não podia ter sido o bebê que, sem querer, arranhou ou beliscou você?

— Bem, é verdade que o Ben me belisca às vezes.

Eu tentava me agarrar a qualquer

explicação. Talvez fosse o bebê, mas minhas palavras não eram confiantes. Ainda não tinha passado um ano, e eu sabia que o primeiro ano depois do diagnóstico é o mais incerto. O segundo ano é só ligeiramente menos preocupante. Só ao fim de cinco sem recorrências é que as pessoas podem sossegar mais. Pelo menos, era o que me diziam.

Acabei de me vestir. O ponteiro do relógio, finalmente, chegou às 8. Barbara, a secretária da Dra. Jeanne Petrek, já devia ter começado seu dia de trabalho. Peguei o telefone e disquei seu número.

Ela estava de férias, mas a incansável Barbara marcou-me uma consulta no fim da tarde com o cirurgião que a estava substituindo, o Dr. Patrick Borgen.

Senti um afluxo de adrenalina quando me mandaram entrar na familiar sala de observações do Sloan-Kettering. Passado pouco tempo, um homem de aspecto jovial, louro, entrou com a ficha de meu caso na mão. Ri nervosamente. Achei-me um tanto ridícula por estar fazendo

um bicho-de-sete-cabeças de algo que seria provavelmente uma secreção normal.

O médico sorriu diante de meu embaraço e começou a me examinar atentamente. Não disse nada, mas foi rápido até um armário, tirou de dentro uma garrafa com um líquido, um pouco de algodão e umas compressas. Limpou o sangue delicada e repetidamente. Olhou de novo com cuidado e só então disse:

— Bem, pode se vestir. Volto já.

Levou muito tempo, mas quando regressou, foi com um sorriso.

— Você fez bem em vir aqui. Acho que está tudo bem... Consegui limpar a substância sem dificuldade, e não vi nada por baixo. Tenha boas férias e não pense mais nisso.

Meus dedos tremiam quando coloquei a moeda no telefone da sala de entrada.

— Vamos ter umas férias realmente boas — disse a meu marido.



E tivemos, num chalé junto ao mar, em Cape Cod. O melhor de tudo foi que não voltou a me aparecer nada no peito, nem sinais fúneustos, nem marcas ameaçadoras.

Mas, fosse como fosse, eu não conseguia esquecer aquele momento de autêntico terror, quando vi o sangue pela primeira vez. No princípio de outubro, quando fui ao consultório da Dra. Jeanne para o exame do primeiro aniversário da cirurgia, disse a ela que estava pensando em optar pela mastectomia profilática.

— Mas quero saber quais são os fatores de risco — pedi. — Quais seriam as minhas chances?

— Bem... — respondeu ela, deixando transparecer sua pronúncia fanhosa típica do Meio-Oeste. — A possibilidade de uma recorrência do câncer original, como lhe disse, é bastante pequena. Estamos é considerando um novo câncer. Mas, dado que você já teve um num dos seios, que sua história médica familiar é pesada, que tomou hormônios e teve CLIS, eu diria que há uma probabilidade de 50% a 60% de acabar aparecendo um câncer na outra mama.

Por momentos, não consegui entender. Nunca imaginara que a probabilidade fosse tão alta. E se me submetesse à cirurgia profilática, quais seriam as chances?

— Ora, eu diria que seria de cerca de apenas uma em cem a hipótese de se formar qualquer coisa a partir do câncer original. É a melhor previsão que posso fazer.

Tinha-me posto a par dos fatos,

simples, crus e diretos. Não deu opinião, não fez recomendações. Teria de ser eu a tomar uma decisão.

Pensei em minha mãe. Pensei em Ben, cujo primeiro aniversário acabávamos de comemorar. Eu daria tudo para ver crescer o menino que trouxera ao mundo.

David e eu tínhamos falado sobre isso, especialmente depois de nosso susto antes das férias. Mas a idéia de eliminar uma parte sadia de meu corpo, de amputar tecido não contaminado, era ainda mais absurda e horrível do que remover um seio atingido pelo câncer.

Mas eu já sabia o que fazer. Sabia-o até antes daquilo. David também.

— Jeanne, eu gostaria de marcar a cirurgia — disse-lhe eu.

Foi o que aconteceu, em dezembro de 1992.

Os efeitos físicos e psicológicos mostraram-se diferentes da segunda vez. Uma mulher com um seio pode pôr-se diante de um espelho e, escolhendo bem o ângulo, ver refletida uma imagem que lhe dá a ilusão de estar inteira. Depois de minha segunda estada no Sloan-Kettering, o espelho já não me permitia isso. A emoção que eu sentia era, porém, de profundo alívio. Estou convencida de que foi a decisão certa. Não lamento nada.

Pouco depois de minha primeira cirurgia, fizemos uma viagem em família à Filadélfia. No meio do caminho, paramos no cemitério onde minha mãe está enterrada. Percorremos lentamente o local, com Ben adormecido a meu lado no assento

do carro. Encontrei facilmente a placa de bronze fixada no chão: «Mulher e mãe extremosa, Bernice Feldman, 1920-1967.» O tempo parecia deter-se. David estava a meu lado. Abraçamo-nos.

Enquanto estive junto do túmulo de mamãe com meu marido, ocorreram-me umas frases da oração judaica pronunciada nos funerais, em que se pergunta: «Se um mensageiro vos abordasse para vos prometer o fim da morte, mas com a condição inseparável de o nascimento cessar também... nunca voltando a nascer nenhuma criança, nem haver mais jovens, ou um primeiro amor, nem novas pessoas com novas esperanças... duvidaríeis da resposta?»

Muitos anos mais tarde, a respos-

ta surgia-me finalmente clara. Olhei para meu filho, o neto de minha mãe, que dormia calmamente no carro.

Naquele momento, percebi que ela não me tinha dado apenas a vida, porque eu tivera o privilégio de dar vida a meu filho. A vida dela servia-me de exemplo. Acredito piamente que é por ter aprendido tanto com a tragédia que a vitimou que estou viva hoje.

Inclinei-me, arranquei umas folhas de grama e espalhei-as por cima do túmulo, como, quando era ainda criança, ela me ensinara a fazer na sepultura de minha avó.

Depois levantei-me. David e eu demos as mãos, e voltei para o carro, para junto de nosso filho.

CONDENSADO DE «YOU DON'T HAVE TO BE YOUR MOTHER». COPYRIGHT © 1994 DE GAYLE FELDMAN. PUBLICADO EM CAPA DURA POR W. W. NORTON & COMPANY, INC., NOVA YORK, E EM BROCHURA POR BALLANTINE BOOKS, UMA DIVISÃO DE RANDOM HOUSE, NOVA YORK. PUBLICADO NO BRASIL POR EDITORA CRESCER LTDA., BELO HORIZONTE MG. ILUSTRAÇÃO: KIM BARNES. FOTO: © DE JANET BELLER



Exposição a nu

ME INSCREVI numa série de cursos difíceis na Universidade de Alberta e tentava escolher uma matéria de opção. Arte, pensei eu, apesar de não desenhar há muitos anos.

O ano foi decorrendo e, no último dia de aulas, carreguei meu carro com todas as minhas obras de arte. Em casa, olhei para aquela tralha toda, e em cima do monte estava o meu primeiro nu. «Isto é horrível», pensei. Outros quadros, que estavam por baixo, não eram muito melhores. Não queria que ninguém visse aquelas pinturas horríveis, especialmente meu marido, que é artista.

Rasguei todos em pedaços e joguei-os no lixo.

Dias depois, quando fui às compras, uma vizinha perguntou-me na loja:

— Fran, alguém na sua casa anda jogando fora quadros de nus?

— Como é que você soube? — perguntei eu.

— Bem, meu neto de 10 anos encontrou-os no teu lixo e pregou-os nas paredes de seu quarto.

— Fran Heath, Canadá